

Atenas Estava Condenada a Perder a Guerra do Peloponeso?

Em 404 a.C¹, vinte e sete anos depois da Guerra do Peloponeso ter começado, Atenas foi finalmente derrotada por Esparta – primeiro na batalha de Egospótamos, e depois através da sua rendição total, pondo fim ao cerco à cidade de Atenas.

Mas até que ponto foi Atenas verdadeira e definitivamente derrotada? Mais que isso, a sua derrota era inevitável ou podemos dizer que, se determinados factores e circunstâncias tivessem sido outros, o desfecho da guerra poderia ter sido radicalmente diferente?

Neste ensaio vou começar por analisar a derrota ateniense e tentar perceber se se tratou de facto de uma derrota total ou apenas de uma interrupção temporária no equilíbrio de poder do mundo helénico, como defendem alguns autores. Seguidamente, apresentarei as causas que, na minha opinião, levaram à derrota dos Atenienses: algumas de extrema importância, outras que apenas adicionaram mais condicionantes à actuação de Atenas. Finalmente, concluirei respondendo à questão de saber se Atenas estava de facto condenada a perder a guerra, tendo em conta os seus efeitos devastadores para o mundo helénico e para a sua “influência civiliza-



POR
Maria Inês Marçal

Aluna da Classe de 2013 do IEP-UCP

dora no vasto Mediterrâneo.”²

Não há dúvidas de que Atenas sofreu, de facto, uma pesada derrota em 404: os Espartanos destruíram quase na totalidade a frota ateniense, derrubaram as muralhas que ligavam o porto de Pireu à cidade e, mais grave ainda, impuseram um regime oligárquico de homens escolhidos por Lisandro, “cuja brutalidade cedo lhes mereceu o nome de ‘Os Trinta Tiranos’.”³ Atenas viu-se assim despida de todo o seu poder e glória, pois além da humilhação imposta pelos inimigos, viu-se praticamente sem recursos económicos disponíveis (visto que uma das grandes fontes de rendimento de Atenas era o tributo imposto às cidades que compunham o Império), severamente enfraquecida pela diminuição da sua população,⁴ completamente vulnerá-

vel a ataques – e perdera ainda uma das suas maiores instituições: a democracia. À primeira vista, Atenas parecia ter sido totalmente aniquilada. Mas será que foi mesmo assim?

Os historiadores Crátipo⁵ e Teopompo⁶ reflectiram, nos seus escritos, a visão de que Atenas não foi derrotada em 405-404, mas apenas “sofreu um revés de dois anos – tal como o desastre na Sicília – antes de avançarem e encontrarem paridade aproximada e uma paz permanente com Esparta algures no ano de 394.”⁷ Na minha opinião, esta é uma visão demasiado positiva dos acontecimentos: não há como negar, após o que referi anteriormente, que Atenas sofreu de facto uma derrota, e bastante pesada. Mas na verdade, a rapidez com que esta cidade se reergueu leva-nos a questionar quão definitiva foi essa derrota: Donald Kagan elucida-nos acerca do falhanço de Esparta em impor as duras condições da derrota a Atenas no longo prazo – “Dentro de um ano, os Atenienses tinham ganho de novo a sua total democracia. Dentro de uma década, tinham recuperado a sua frota, muralhas e a sua total independência, e Atenas tornou-se um membro central na coligação de Estados dedicados a prevenir Esparta de interferir nos assuntos do resto da Grécia.”⁸

Isto significa que a derrota na Guerra do Peloponeso não foi o fim de Atenas, muito pelo contrário⁹: a capacidade de recuperação de Atenas é absolutamente espantosa e, inclusive, podemos afirmar que Esparta não soube gerir a sua recém adquirida supremacia – “os Espartanos tinham-se tornado a força dominante na Grécia, mas a sua vitória trouxe pouco descanso e muitos problemas.”¹⁰ Isto é bastante perceptível se tivermos em conta a aspiração ao poder da cidade de Tebas, que, na verdade, se revelou a causadora da aniquilação de Esparta, cerca de trinta anos passados do fim da Guerra do Peloponeso.¹¹ Como afirma Victor Davis Hanson, “Esparta aprendeu (...) que era psicologicamente, economicamente e culturalmente incapaz de administrar um império.”¹²

CAUSAS DO DECLÍNIO E DERROTA ATENIENSE

Há diversas variáveis que são apontadas como causas (ou possíveis explica-

ções) da derrota ateniense: o facto de apenas possuir frota naval, o desmantelamento do Império e o consequente declínio económico derivado da falta de pagamento de tributo, a aliança de Esparta com a Pérsia, a democracia, o desastre na Sicília, diversos erros de logística e estratégia militar, a peste, a descrença do povo Ateniense nos seus líderes. No meu entender, as duas que mais se destacam são o desastre na Sicília (no qual se incluem, também, os erros de logística e estratégia militar) e a democracia – são cruciais para explicar a derrota ateniense. Seguidamente, atribuo também importância ao declínio económico e à aliança de Esparta com a Pérsia. Quanto às restantes, concedo que possam ter tido alguma influência no resultado final, mas não me parece que as possamos apontar, sem mais nada, como responsáveis do falhanço ateniense.

O desastre ateniense na Sicília é, para mim, a mais fulcral das causas: foi uma derrota de tal forma devastadora que marcou o início do declínio do Império Ateniense. Tucídides descreveu esta derrota de forma bastante elucidativa: “Eles foram derrotados em todos os pontos e de uma só vez; tudo o que sofreram foi enorme; foram destruídos (...) a sua frota, o seu exército – tudo foi destruído e poucos de muitos regressaram a casa.”¹³ No entanto, há um factor que me leva a considerar que este não pode ser o único aspecto a ser tido em conta quando analisamos a derrota ateniense: “a peculiar prudência espartana não permitiu uma rápida exploração do sucesso obtido e deu a Atenas o tempo necessário para a sua recuperação.”¹⁴ Ou seja, apesar da difícil posição em que os Atenienses ficaram no final da campanha na Sicília, conseguiram reerguer-se e aguentar ainda, extraordinariamente, quase uma década de conflito antes de serem definitivamente derrotados.

O outro factor de elevada importância para explicar a derrota final ateniense é, no meu entender, a democracia. Esta instituição, apesar de possuir grandes qualidades e benefícios para a sociedade ateniense – nomeadamente a fomentação da participação dos cidadãos na vida cívica – é apontada por alguns autores como sendo uma desvantagem para uma nação em guerra, como era Atenas no século IV. Victor Davis



As decisões espartanas não estavam condicionadas por nada a não ser pela vontade dos governantes – em Atenas, todas as decisões eram tomadas na assembleia, num processo moroso e difícil de atingir consensos

Hanson escreve que “se as democracias trouxeram vantagens multifacetadas para a guerra, as suas ásperas assembleias, constantes hesitações, exibicionismo e hipercriticismo atrapalharam severamente as operações militares.” Isto é completamente verdade. As decisões espartanas não estavam condicionadas por nada a não ser pela vontade dos governantes – em Atenas, todas as decisões eram tomadas na assembleia, num processo moroso e difícil de atingir consensos. Não há exemplo mais claro disto que os discursos de Nícias e Alcibiades perante a assembleia ateniense aquando da partida da expedição para a Sicília¹⁵: os argumentos de Alcibiades seduziram os cidadãos e, assim, a decisão foi tomada com base num deslumbramento colectivo.

Há ainda outro aspecto a considerar quando falamos de democracia numa sociedade em guerra: “(Esparta) dava liberdade aos generais de um modo desconhecido a Atenas.”¹⁶ Isto é comprovado quando os generais atenienses regressam da sua vitória na batalha de Arginusa e são condenados à morte por não terem recolhido os seus mortos¹⁷ – a partir daí, a liderança de Atenas fica enfraquecida não só porque perdem seis generais de uma só vez, como aqueles que são aptos para os substituir, têm receio do juízo público e temem pelo seu destino caso não sejam bem sucedidos.¹⁸

Quanto à questão do poder económico, esta pode ser vista de dois prismas: Atenas, por um lado, viu-se com sérias dificuldades, decorrentes dos elevados custos da expedição à Sicília e da falta de pagamento de tributo inerente ao progressivo desmembramento do Império; por outro, Esparta, ao aliar-se com a Pérsia¹⁹, obteve uma grande vantagem económica que lhe permitiu adquirir (finalmente) uma frota naval e um exército ainda maior – isso fez toda a diferença nos últimos anos da guerra. Como afirma Victor Davis Hanson, “dinheiro e mão de obra, nem sempre coragem e classe, literalmente ganham guerras.”²⁰

ATENAS ESTAVA CONDENADA A PERDER A GUERRA?

Depois de analisadas em detalhe as causas principais inerentes à derrota ateniense, posso afirmar que, na minha opinião, Atenas não estava condenada a perder a guerra. Ficou condenada sim, sendo apenas uma questão de tempo a partir daí, depois do desastre na Sicília. Mas, até esse momento, tinha sido possível manter o equilíbrio de poder entre as duas potências.

A principal razão que me leva a considerar que Atenas não estava condenada a perder esta guerra, é o facto de, quando analisados os factos e eventos que a compõem, tende-se a olhar para “o que Atenas fez mal, em vez de para o que Esparta fez bem”²¹ para explicar a derrota. De facto, podemos dizer que até ao desastre na Sicília, Atenas conseguiu manter a sua supremacia naval e o seu império, sendo que o ponto de viragem foi, nos últimos anos da guerra, a crescente fragilidade de Atenas e a as-

censão de Esparta, apoiada pela aliança com a Pérsia.²²

Na minha opinião, o mundo helénico era demasiado pequeno para as pretensões de duas potências: Esparta e Atenas confrontaram-se durante quase três décadas porque só havia espa-

ço para uma, pois a existência de cada uma delas era uma ameaça para a outra e para o seu domínio do mundo grego. No entanto, a sua disputa pôs em perigo a sobrevivência do “idealismo e espírito da unidade pan-helénica que era tão crítica na defesa da Grécia contra o

invasor Persa.”²³ Isto veio a revelar-se completamente verdade no século seguinte, quando os invasores da Macedónia dominaram e terminaram de vez com o esplendor do mundo helénico que até aí tinha sido uma presença tão marcante no Mediterrâneo. ■

GUIA DE LEITURAS

- BHALE, John R. - *Lords of the Sea. The Epic Story of the Athenian Navy and the Birth of Democracy* (Nova Iorque: Viking, 2009);
- HANSON, Victor Davis - *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War* (Londres, Methuan, 2005);
- KAGAN, Donald - *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC* (Londres: Harper Collins, 2005);
- STRASSLER, Robert - *The Landmark Thucydides. A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War* (Nova Iorque: Touchstone, 1998).

Outros recursos:

- Jornal do Exército – No 573, Maio de 2008 (<http://www.exercito.pt/sites/JE/Publicacoes/Documents/JE573Mai08.pdf> - último acesso: 23/05/2013);
- Moderna Enciclopédia Universal – Direcção literária: Dr. Manuel Alves de Oliveira (Círculo de Leitores, Lisboa, 1987);
- Encyclopædia Britannica - (<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/141965/Cratippus> - último acesso: 23/05/2013).

NOTAS

¹ Todas as datas se referem à era antes de Cristo.

² “(...) civilizing influence in the wider Mediterranean.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 289.

³ “(...) whose brutality soon earned them the name “The Thirty Tyrants.” Donald Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, pág. 485.

⁴ “well over 100,000 Athenians of all classes (...) died as a direct result of the war.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 296.

⁵ Pouco se sabe de Crátipo, apenas que era originário de Atenas e que os seus escritos ajudaram a reconstituir os eventos da Guerra do Peloponeso depois de Tucídides ter interrompido a sua obra. (in *Encyclopædia Britannica*).

⁶ Teopompo, (377 – 320 a.C.) foi um autor grego, cuja obra, no entanto, se perdeu, restando apenas alguns fragmentos. (in *Moderna Enciclopédia Universal*)

⁷ “(...) suffer a two-year setback – not unlike the Sicilian disaster – before pressing ahead to find rough parity and permanent peace with Sparta somewhere around 394.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 291.

⁸ “Within a year the Athenians had regained their full democracy. Within a decade they had recovered their fleet, walls, and independence, and Athens became a central member of a coalition of states dedicated to preventing Sparta from interfering in the affairs of the rest of Greece.” Donald Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, pág. 486.

⁹ Os historiadores geralmente consideram o século V a.C como de prestígio e grandeza e o IV a.C como de declínio, sendo a Guerra do Peloponeso o evento que separa as duas épocas. (Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 293).

¹⁰ “(...) the Spartans had become the dominant force in Greece, but their victory brought no repose and much trouble.” Donald Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, pág. 487.

¹¹ Donald Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, pág. 487.

¹² “Sparta learned that (...) it was psychologically, economically, and culturally incapable of administering an empire.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 299.

¹³ “They were beaten at all points and altogether; all that they suffered was great; they were destroyed (...) their fleet, their army – everything was destroyed, and few out of many returned home.” Robert Strassler, *The Landmark Thucydides. A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Livro VII, 7.87.6.

¹⁴ David Martelo sobre a Guerra do Peloponeso (Jornal do Exército, no 573, pág. 27, Maio de 2008).

¹⁵ “Robert Strassler, *The Landmark Thucydides. A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Livro VI, 6.9 – 6.23.

¹⁶ “it gave latitude to commanders in a way unknown at Atenas.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 311.

¹⁷ “For executing the generals the Athenians have been rightly censured through the ages, (...)” Donald Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, pág. 466.

¹⁸ “That the Athenian assembly exiled, executed, or fined almost every notable general it ordered in campaign did not make commanders more accountable as much as timid and prone to second-guessing.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 311.

¹⁹ “As long as Greeks were killing Greeks, the satraps of Persian Empire were happy to subsidize the carnage.” Idem, pág. 304.

²⁰ “Money and manpower, not always just courage and class, quite literally won wars.” Victor Davis Hanson, *A War Like No Other: How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, pág. 304.

²¹ “(...) what Athens did wrong rather than to what Sparta did right.” Idem, pág. 309.

²² “Without Persia’s vast capital for crews and triremes Sparta could never have prosecuted the Ionian War, which eventually forced Athens to capitulate.” Idem, pág. 311.

²³ “the idealism and spirit of Panhellenic unity that was so critical in the defense of Greece against the Persian Invader.” Idem, pág. 308.